



FILHOS DE IMPÉRIO E PÓS-MEMÓRIAS EUROPEIAS  
CHILDREN OF EMPIRES AND EUROPEAN POSTMEMORIES  
ENFANTS D'EMPIRES ET POSTMÉMOIRES EUROPÉENNES

Sábado, 5 de outubro de 2019



*Guiné-Bissau: Da Memória ao Futuro* | 2019 | [Garden Films](#) / [CES-UC](#) (cortesia da realizadora)

1

## “GUINÉ-BISSAU: DA MEMÓRIA AO FUTURO”

Bruno Sena Martins

No dia 24 de setembro de 2019, no dia do 46.º aniversário da independência da Guiné-Bissau, estreou na RTP África o documentário *Guiné-Bissau: Da Memória ao Futuro*, realizado por Diana Andringa (com o guião escrito em parceria com Miguel Cardina, o filme foi produzido pela Garden Films e pelo Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra). Trata-se de um filme que me é próximo, desde logo por resultar do labor de investigadores/as do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra



no âmbito projecto CROME - Memórias Cruzadas, Políticas do Silêncio, mas também por ter tido uma modestíssima intervenção como interlocutor de algumas das entrevistas - realizadas à margem do Colóquio “Memórias e Legados das Lutas de Libertação”, decorrido em Bissau em setembro de 2018.

No entanto, quando me sentei a ver o documentário, pude experimentar uma distância, ou melhor, a plácida curiosidade de quem se deixa levar pela mão de outrem. Assim foi, porque escutei pela primeira vez muitas das vozes que ali compõem um vívido itinerário entre a luta de libertação e a Guiné de hoje. Achei particularmente “criador” o encontro entre os testemunhos do presente guineense e os ficheiros laboriosamente resgatados dos arquivos - nestes, vemos por exemplo, Amílcar Cabral a incitar os professores no crucial combate à ignorância ou António Spínola a assinar o reconhecimento da independência. Senti-me inteiramente espetador de um conjunto singular: um concerto de aspirações e memórias, recolhidos e narrados pela distinta sensibilidade da Diana Andringa, uma sinuosa viagem entre gerações, que ora exprimiam um desencanto pós-colonial, ora inspiravam a ideia de um desígnio por cumprir: a luta que continua, a luta cujas raízes invariavelmente remetem a Amílcar Cabral.

Entre testemunhos, músicas, arquivos e palavras de ordem, ocupado pela a minha memória familiar, dei por mim a visitar uma Guiné-Bissau *íntima*, ancestral, quase irreal, de tão lendária: a Guiné da minha mãe e da minha avó, onde, dizem, vivi parte da minha infância, uma Guiné de qual *já* nada lembro. Mas lembro-me de ouvir, ao longo de décadas, as cassetes que rodavam na aparelhagem da sala com notícias de Bissau. Era a minha avó que, não sabendo escrever, gravava em viva voz missivas num crioulo que a espaços me ia sendo traduzido pela minha mãe. Depois da estreia solene, em que eu estava sempre presente, a minha mãe voltaria a ouvir cada cassette, sozinha, vezes sem conta. Quando a fita descarrilava de tanto uso, rodando laboriosamente um lápis, era eu que arranjava a voz da minha avó, colocando-a de novo dentro da cassette. Da Guiné, lembro-me também dos sabores que chegavam em encomendas de correio, diligentemente embrulhadas: o *djagatu*, o óleo de palma, a castanha de caju, o veludo, as cabaças, o amendoim torrado em pó, o peixe seco, as malaguetas, etc. Lembro-me ainda da aflição da minha mãe sempre que um golpe de Estado trazia renovada instabilidade política, da angústia em 1998, durante a guerra, em que ficámos longo tempo sem ter notícias de Bissau. Durante muito tempo, a Guiné foi para mim a terra deixada para trás, mitificada pela lonjura da minha avó e pelas saudades da minha mãe, mas também o sucessivo presente das notícias de um país em que a paz e prosperidade, há muito prometidas, tardavam em cumprir-se. E também disso, ainda, nos fala este filme.



O documentário realizado por Diana Andringa mostra o lugar central ainda ocupado pelas memórias políticas de um país prometido, aquele que foi urdido pela luta armada, pelas zonas libertadas, pelos armazéns do povo, pela aliança entre guineenses e cabo-verdianos/as, pela escola piloto em Conacri, pela *Rádio libertação*, pela dignidade de uma independência declarada nas matas. Sendo a auto-estima uma radical agenda política, como bem lembra *bell hooks*, a revisitação de uma esperança enunciada em tempos anticoloniais surge no filme como um incontornável alento a quem hoje se propõe a lutar pelo futuro da Guiné. Nesse gesto se reverbera uma frase de Cabral que o filme acha nas paredes de Bissau, quando este lembrava que a luta de libertação era “também uma luta para mostrar à face do mundo que somos gente com dignidade”.

A constituição de Estados-nação cujas independências se afirmaram contra a dominação colonial produz um contexto proverbialmente marcado pela tensão entre a herança colonial – com as suas fronteiras, hierarquias e modos de administração – e a celebração das possibilidades para novos começos. Quando as independências decorrem de uma luta armada anticolonial, os desenhos de novos começos são realizados em estreita relação com a legitimidade daqueles que fizeram a guerra e com o permanente perigo de a violência revolucionária se transformar em violência de Estado. A este fator de instabilidade, acresce ainda o modo como muitos Estados pós-coloniais foram confrontados, não só com falta de quadros e com a ausência de estruturas, mas também com vitória política do neoliberalismo à escala global, e com os consequentes ditames das instituições financeiras internacionais. Num quadro marcado por partidos únicos nascidos dos movimentos de libertação, por guerras e/ou instabilidade política, e pela permeabilidade das realidades nacionais e elites locais às lógicas do capitalismo internacional, em muitos dos países africanos que se libertaram do jugo colonial as evocações celebratórias das lutas de libertação tanto congregam uma narrativa nacional anticolonial como suscitam leituras desencantadas.

Num país como a Guiné-Bissau, cuja luta teve como líder Amílcar Cabral, em que o PAIGC logrou uma luta armada bem-sucedida no seu território, que alcançou um reconhecimento internacional para a nova sociedade ensaiada nas zonas libertadas, que proclamou a sua independência antes da mudança de regime em Portugal, é de algum modo inevitável que instabilidade política e a precariedade económica do presente confronte com estrondo a dignidade anticolonial e antirracista antes alcançada. Essa colisão entre tempos e expectativas perpassa por todo documentário; nele a luta de libertação surge incontornável, ora como uma inspiração a ser seguida, ora como uma legitimidade a ser resgatada àqueles que não souberam cumprir o sonho de Cabral.



“GUINÉ-BISSAU:  
DA MEMÓRIA AO FUTURO”

Visto de Portugal, *Guiné-Bissau: Da Memória ao Futuro* é um precioso contributo para o imperativo expresso por Edward Said quando, a propósito um olhar retrospectivo para o arquivo cultural, aponta para a necessidade de o retermos “não univocamente, mas com uma consciência simultânea tanto da história metropolitana que é narrada como das outras histórias contra as quais (e em conjunto com as quais) o discurso dominante atua (1). Afinal, pensar os legados do colonialismo a partir de uma pluralidade de vozes e latitudes, com o fito de renegar desigualdades, violências e silenciamentos instaurados, é missão a ser cumprida por muitas gerações.

---

(1) “not univocally, but contrapuntually, with a simultaneous awareness both of the metropolitan history that is narrated and of those other histories against which (and together with which) the dominating discourse acts”. Said, Edward W. (1993), *Culture and imperialism*. New York: Knopf, 51.

---

**Bruno Sena Martins** é investigador do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra e cocoordenador no programa de doutoramento “Human Rights in Contemporary Societies”, do Centro de Estudos Sociais e do Instituto de Investigação Interdisciplinar, Universidade de Coimbra. É investigador associado do projeto MEMOIRS - Filhos de Império e Pós-memórias Europeias (ERC n. 648624).

**MEMOIRS** é financiado pelo Conselho Europeu de Investigação (ERC) no âmbito do Programa-Quadro Comunitário de Investigação & Inovação Horizonte 2020 da União Europeia (n.º 648624) e está sediado no Centro de Estudos Sociais (CES) da Universidade de Coimbra.

